



A História Militar de Portugal na minha Terra



“Se todos fossem do
meu valor não ficaria
um só francês vivo!”
- Jacinto Correia

Maфра- Um vértice da Guerra Peninsular

Marco dos Santos -autor
Carla Martins- tutora

Agradecimentos

Gostava de deixar desde já agradecimentos á camara municipal de Mafra que se mostrou sempre disponível e me indicou o que devia procurar. Agradecer também à rede de Bibliotecas Municipais que me facilitaram na minha pesquisa.

Aqui também agradeço aos professores do Agrupamento de escolas Professor Armando Lucena que são os responsáveis da entrega deste trabalho a concurso.

E no fundo, agradecer a todos os mafrenses que possibilitaram que este trabalho se tornasse numa realidade.

Apresentação e motivação

Este trabalho é da minha autoria, Marco António Luís dos Santos. Sou um aluno de Línguas e Humanidades a terminar o 12º ano do Ensino Secundário na escola Básica e Secundária Professor Armando Lucena, com aspirações á Academia Militar.

Assumo-me como ultranacionalista e um aficionado por História. Residente no concelho de Mafra vi neste trabalho a oportunidade de relatar o papel fulcral do concelho naquela que é uma das minhas temáticas prediletas.

É minha vontade recontar a história das personagens que já conhecemos e, sobretudo, dar voz a outras, menos conhecidas, mas que fizeram História com as mãos e, infelizmente, muitas vezes são esquecidas.

Introdução

O seguinte trabalho tem o intuito de narrar e destacar um pouco mais da História Militar da minha região, ou seja, Mafra.

No decorrer do projeto Mafra é entendida como Vila e como Concelho. Considero que Mafra é rica na sua história não sendo a vertente militar uma exceção. Este concelho esteve presente de forma direta ou indireta em todos os momentos da nossa História como Nação.

Assim, tema que me cativou e pelo qual me debrucei foi a Guerra Peninsular, mais propriamente o papel de Mafra na Guerra Peninsular.

A Guerra Peninsular constituiu um episódio marcante da História Ibérica e do concelho de Mafra em particular. Da memória coletiva fazem parte as invasões francesas uma das maiores ofensivas militares realizadas no território nacional, mas também a resistência anglo-lusa, determinante para o início da derrota do exército de Napoleão Bonaparte.

Tais foram os acontecimentos interessantes da época ocorridos no concelho e tamanha a sua importância no conflito, que assumi a audácia de considerar Mafra um vértice da Guerra Peninsular, um ponto incontornável para a total compreensão da guerra em questão.

Organizei a minha narrativa dividindo-a nos seguintes subtítulos: Mafra- uma rota de fuga; Mafra- na mão do Maneta; Mafra- um exemplo de resistência; Mafra- veste a casaca vermelha; Mafra- crescimento e exploração; Mafra- fala português; Mafra- posta na linha e Mafra- em recuperação. Vou contar esta história como quem conta um conto, e por isso tem um cunho pessoal. Espero que gostem.

Mafra- uma rota de fuga:

Tudo começa no ano de 1807, quando a pressão napoleónica já rondava Portugal. Numa tentativa de apaziguar a fúria francesa e defender o território nacional de uma hipotética invasão, a 20 de outubro do mesmo ano é assinado no palácio de Mafra o decreto que estabelece o encerramento dos portos portugueses aos navios ingleses.

Talvez esta medida que tivesse agradado a Napoleão uns meses antes, antes de o próprio compreender que ter Portugal dominado seria um grande golpe aos rivais britânicos criando obstáculos à sua economia e relações comerciais. A hesitação portuguesa face ao Bloqueio Continental levou a uma mudança na estratégia francesa. Era, então, tarde demais Napoleão queria Portugal!

O príncipe regente informado do fracasso da sua medida reúne, no palácio de Mafra a 24 de novembro de 1807, o conselho de Estado que aprova o real decreto que torna pública a decisão de transferência da corte para o Rio de Janeiro no Brasil, estabelecendo pelo mesmo diploma a Junta Governativa do reino de Portugal e Algarves.

Sem tempo a perder, na manhã de 26 de novembro, D. João parte de Mafra rumo a Queluz onde reúne a família real e a trás de volta para o palácio de Mafra, de onde partiram para a Ericeira e mais tarde, embarcaram rumo ao Brasil. Mafra tornou-se assim, numa rota de fuga.

Mafra- na mão do Maneta:

A 8 de dezembro de 1807, entra pela primeira vez em Mafra o general *Loison* chefiando o exército francês composto pela 2ª divisão de infantaria, do 1º corpo de observações da Gironde (constituída pelos 2º, 4º e 12º regimentos de infantaria ligeira francesa), 2º regimento de linha suíço, 26º regimento de caçadores a cavalo e 1º regimento de dragões (pertencentes á divisão de cavalaria) e o 6º regimento de artilharia.

Note-se que por esta altura os franceses tomavam de assalto a Serra do Socorro visando criar um ponto de observação para as operações em Mafra e nas regiões circundantes. Atuou contra eles o nevoeiro que os impediu ver Mafra nem sequer “por um canudo” (os óculos que traziam). Isto que seria apenas uma falha torna-se numa idiotice quando insistiram no mesmo erro por volta da terceira invasão.

Loison uma figura nada simpática conhecida pela sua crueldade e pela ausência do braço direito perdido, ganhou, entre o povo, a alcunha de “o Maneta”.

Outra *estória* curiosa acontece aquando da chegada a Mafra. Os oficiais dirigiram-se para “a joia da coroa”, digo, o Palácio Nacional. Ao chegar, encontraram, naturalmente, a porta fechada. Em fúria *Langarde*, um oficial francês, manda chamar o guardião, nobre homem cujo nome quis a História que ficasse anónimo. Este veio logo, até cansado porque correra, mas como não tinha a chave não poderia abrir o palácio. *Langarde* em pura ira deu uma bofetada na face do guardião, que demonstrando valor português sem nenhum rancor ofereceu a outra face. Esta ação fez o oficial arrepender-se da sua atitude, desceu as pequenas escadas e disse: “Por valor não abrem esta porta, que bom motivo para não abrir uma porta! Hoje respeitarei amanhã quero esta porta aberta nem que seja pelo estrondo das armas!”

Após a abertura do palácio, o exército francês aquartela-se no lado sul do real edifício e as tropas espanholas no lado norte. O general *Loison* instalou-se no palácio do Marquês de

Ponte de Lima e os seus principais oficiais, cerca de 29, são distribuídos entre as mais prestigiadas casas de família. Agora é oficial Mafra está na mão do Maneta. Todavia, como um maneta não tem” Mão”, assim era em Mafra. Oficialmente os franceses dominaram, mas o controlo total esse, era muito difícil.

Mafra- um exemplo de resistência:

Mafra nunca foi um exemplo de plena sustentabilidade e agora percebe-se que o problema central foi a subsistência, quer das tropas estrangeiras quer da população mafrense.

Esta situação encontra-se diretamente relacionada com o método logístico do exército francês, o qual assenta na máxima de que a guerra alimenta a guerra. A situação era tão intolerável que a 14 de dezembro de 1807, o juiz de fora de Mafra João António Ribeiro de Sousa redige uma carta ao intendente geral da polícia da corte e reino, Lucas de Seabra da Silva relatando a situação e pedindo apoios para a região.

Mafra tinha fome. Mafra era violentada pelos franceses que mesmo dominando a área não diminuíram na crueldade. Mafra não conseguia pagar as exigências francesas que tinham triplicado os impostos e, em consequência perdiam bens e propriedades.

Esta situação foi saturando os mafrenses criando muitos cenários de confrontos entre populares e exército invasor. Infelizmente muitos destes atos de bravura lusitana desapareceram para a História, mas um em especial não foi esquecido e que inclusive tem um monumento, um memorial na Mafra do século XXI: Jacinto Correia.

Jacinto Correia era um simples camponês que tentava ganhar a vida nesta nova Mafra ocupada, ele por si só já não gostava muito dos franceses que tinham destruído e roubado muito das suas poucas propriedades, mas tentava evitar ao máximo sequer dar de caras com um francês porque encontrar um francês na Mafra de 1807 é sinonimo de problemas.

Certo dia num entardecer Jacinto Correia voltava a casa com um feixe de galhos de madeira que tinha colhido durante a tarde toda, quando dois militares franceses o interpelam e após uma troca de ofensas derrubam Jacinto no chão e tiram-lhe o feixe de lenha. Enquanto se riam de costas se iam afastando não repararam que Jacinto Correia se levantara e pegando na foice que trazia consigo desceu ferozes golpes nos franceses que tombaram no chão mortos.

Nesta mesma semana Jacinto Correia é levado a julgamento e não demonstrando qualquer arrependimento é condenado á morte.

Era uma manhã de nevoeiro 25 de janeiro de 1808 foi dada a Jacinto Correia a oportunidade de dar as suas últimas palavras, as espingardas sobem visando a testa, Jacinto Correia olha em redor e com furor patriótico falando para os mafrenses que assistiam á execução falou para o país e disse: “Se todos fossem do meu valor não ficaria um só francês vivo” apos esta citação Jacinto Correia cai no chão morto por fuzilamento. Não foi muito eficaz na luta contra os franceses, mas certamente um exemplo de resistência.

Mafra- veste a casaca vermelha:

A 2 de setembro de 1808 entrou, pela manhã, o exército inglês em Mafra. Foi recebido com grande euforia pelos mafrenses à passagem das divisões tocaram os sinos e os carrilhões. Quanto aos ingleses instalaram-se, ironicamente nos mesmos sítios onde outrora se instalaram franceses, montando no palácio de Mafra o quartel general das operações na região.

A 26 de setembro do mesmo ano, após saberem da chegada inglesa a Mafra muitos são os homens que partem de Ribamar para Mafra com o intuito de aprender o exercício das armas e servir o exército aliado, exército esse, que não teve problemas em encontrar voluntários pois a gigantesca maioria das populações e inclusive Mafra estavam dispostos a ajudar. Assim Mafra veste a casaca vermelha.

Mafra- crescimento e exploração:

A euforia social torna-se uma euforia económica quando sua Alteza, o Príncipe Regente, proclama a restituição à população dos excessos cobrados, nos impostos, pelos franceses.

Também a 17 de janeiro de 1809 o povo de Mafra recebeu, da nobreza, um donativo de 52,840 reis.

Mafra estava de volta ao crescimento, mas depara-se com um problema: os ingleses ao verem tanta generosidade com as populações começaram a perceber que talvez não fossem eles a ter que pagar o esforço de guerra em território português.

E eis que os britânicos aumentam os impostos e começam a apoderar-se de terrenos e posses com pedidos e exigências que faziam a população lembrar-se dos franceses. A prova destas tremendas exigências está na tapada de Mafra, sendo que entre franceses e ingleses metade do seu arvoredado e animais desapareceram. Grandes explorações para pequenos crescimentos.

Mafra- Fala português!

Em abril de 1810, no decorrer da segunda invasão, estavam estacionadas na vila de Mafra e seu termo as seguintes forças militares: ordenanças de Mafra com 186 artilheiros, 69 atiradores, 692 piques, o regimento de milícias da figueira da foz, e o destacamento de artilharia n1.

Era necessário a fortificação de Mafra e os ingleses começaram a apelar às populações quer de Mafra quer do seu concelho para se juntarem às tropas. A adesão foi pouca.

Perante estes resultados os ingleses iniciaram um recrutamento forçado preferindo camponeses, frades e eclesiásticos.

A maioria dos eclesiásticos, os frades do convento e os oficiais de justiça do distrito de Mafra recusaram-se a colaborar demitindo-se inclusive da responsabilidade imposta de listarem as pessoas que os deveriam substituir.

Com ausência do baixo clero o peso do trabalho para o povo redobrou, assim como o descontentamento com a presença inglesa ao ponto de misteriosamente numa noite o alojamento dos soldados ingleses pegar fogo.

O fogo foi detetado pelo guardião do convento que gritou pedindo ajuda, mas apenas os guardas correram ao local. O guardião subiu a torre e toca os pesados sinos na esperança de que o povo acudisse no combate ao fogo como era costume, mas desta vez ninguém se levantou.

Dessa noite apenas se regista a perda de alguns materiais, mas a mensagem essa era clara. Em Mafra fala-se português.

Mafra- posta na linha:

A revolta patriota que as populações demonstraram inicialmente era agora substituída por uma noção de necessidade de sacrifício também patriótico, constitui-se assim o motivo pelo qual as populações, sobretudo os estratos mais baixos anuíram á retirada para o interior das linhas, também facilitou a empresa de arregimentar mão-de-obra para as obras de fortificação.

O atual concelho de Mafra engloba obras das duas linhas de defesa. Da 1 linha o forte pequeno e o forte grande na Enxara dos Cavaleiros. A 2 linha é composta por 41 redutos.

Nas obras de fortificação do distrito militar de Mafra chegaram a trabalhar diariamente mais de 200 camponeses, além do regimento de milícias da figueira da foz destacado para Mafra com este objetivo.

O andamento vagaroso das obras de fortificação ordenadas por Sir *Arthur Wellesley*, em outubro de 1809, pode ter sido a razão que o levou, entre os dias 5 e 7 de fevereiro de 1810, a deslocar-se á região das linhas de Torres Vedras em visita de reconhecimento e inspeção de pontos estratégicos de Torres Vedras à Ericeira.

Acompanhado do Marechal Beresford, chegaram à vila de Mafra a 7 de fevereiro, onde pernoitaram e partiram na manhã de 8.

Após esta visita ás linhas de defesa, tiveram início as obras de fortificação no desfiladeiro de Mafra e na região da Ericeira e Carvoeira, respetivamente a 17 e 19 de fevereiro de 1810.

A direção das obras de fortificação esteve a cargo do engenheiro militar tenente-coronel *Richard Fletcher* podendo dizer-se literalmente que pôs Mafra na linha.

Mafra- em recuperação:

Data de outubro de 1810 a instalação do Hospital Militar de Mafra com capacidade para o tratamento de 800 a 1000 doentes.

Aquando da chegada do exército do marechal *Massena* às linhas de Torres Vedras estavam construídas 126 obras de fortificação guarnecidas com 397 peças de artilharia, atingindo um total de 152 redutos até ao final de 1812.

Após o término da 3 invasão francesa em maio de 1811 o marechal *Beresford* escreve a D. Miguel Pereira Forjaz especulando sobre a possibilidade de instalar o depósito de recrutas em Mafra, proposta aceite e concretizada em julho de 1811.

Mafra fora contaminada pela “gripe francesa”, o príncipe regente dera-lhe “a vacina” e daí surgiu a variante inglesa, porem agora está tudo bem e Mafra encontra-se em recuperação.